

Associação Indígena do Povo Pirahã do Amazonas
Povos Indígenas Pirahã do alto e baixo Maici



Nova cartografia social da Amazônia

O Povo Indígena Pirahã em defesa do seu território tradicional no Sul do Amazonas

40

HIAITIHYII ABA AIGIOO PIRAHÃ
OGIAGA BIGI APATISO KAOAI
BOGI
AOAGA MICIHAI AKASABA
APAGAIISO





Participantes da Oficina de Mapas realizada na terra indígena Pirahã do alto Maici entre os dias 25 setembro e 4 outubro 2011: José Augusto Pirahã, Iapoi Pirahã (Cacique), Kasahadoai Pirahã, Toaisi Pirahã, Hiaitoi Pirahã, Pabi Pirahã, Baaga Pirahã, Isáo Pirahã, Toipo Pirahã, Itaisoi Pirahã, Hiadioi Pirahã, Hiaitahoioi Pirahã, Ahoikasi Pirahã, Hikaíso Pirahã, Alessandra Jiahui (professora de educação indígena)

© UEA-Edições – Manaus, 2013

Coordenação do PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Alfredo Wagner Berno de Almeida

PNCSA – CESTU –UEA /PPGAS – UFAM/CNPQ

Equipe de pesquisa

Jordeanes do Nascimento Araújo

UFAM/PNCSA/Coord/Humaitá/ AM

José Augusto Pirahã APIHAM

Gustavo Munduruku

TIAPAOBI Pirahã (Bernaldo)

Aldecy de Almeida Santos UFAM/IEAA

Edição

Jordeanes do Nascimento Araújo UFAM/IEAA-PNCSA

Maria de Fátima dos Santos Mendonça UFAM/IEAA

Suellen Andrade Barroso POLIS/UFAM

Cartografia

Luís Augusto Pereira Lima PNCSA–PNCAA-CESTU/UEA

Carolina Pinto da Silva PNCAA-CESTU/UEA

Núcleo: Cartografia Social Humaitá

Jordeanes Araújo (Coordenação)

Ednailda Santos

Leonardo Dourado

Maria de Fátima dos Santos

Sandoval Ampar



Participantes da Oficina de mapas realizada na terra indígena Pirahã do baixo Maici, entre os dias 4 e 15 novembro 2011: José Augusto Pirahã, Tiapaobi Pirahã (cacique), Natal Pirahã, Magaba Pirahã, Simão Pirahã, Mariano Pirahã, Gustavo Munduruku

Fotografias

Jordeanes do Nascimento Araújo

Suellen Andrade Barroso

Sandoval Amparo

Equipe de levantamento de GPS

Aldeias do alto e baixo Maici

Gabriel Pirahã, José Augusto Pirahã,

Bernaldo Pirahã, Natal Pirahã,

Magaba Pirahã, Simão Pirahã,

Gustavo Munduruku, Mariano Pirahã,

Moisés Pirahã

Projeto gráfico e editoração

DESIGN CASA 8

N935 Nova Cartografia Social da Amazônia : Hiaitihyii aba aigioo Pirahã ogiaaga bigi apatiso kaoai bogi aoaga micihiai akasaba apagaíso no Sul do Amazonas / coordenação do projeto Alfredo Wagner Berno de Almeida ; Equipe de pesquisa Jordeanes do Nascimento Araújo ... [et al.]. – Manaus : UEA Edições, 2013.

12 p. : il. color. ; 25cm. Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos ; 40

ISBN 978-85-7883-239-1

1. Conflitos sociais. 2. Organizações sociais. 3. Índios – Amazonas. 4. Movimentos sociais. 5. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Araújo, Jordeanes do Nascimento. III. Série.

CDU 528.9:316.48(811.3)

Os Pirahã contam sua história recente

“Tem tempo, tem tempo aqui. Agora vou falar, aqui primeiro tempo não tinha nada. Eu paguei em uma lata de castanha pra um saco de sal, uma lata só, não tinha sal e agora melhorou, tem motor rabeta, tem forno. Agora melhorou. Agora tem tudinho. Antigamente não era assim, não. O branco enganava, só dava bebida. Morreu muito

parente afogado por causa da bebida. O tal do regato agora parou mais de trazer bebida. Agora ainda chamar pra beber. Nunca toma, nunca beber mais. Eu não deixo pirahã beber. Aí nós parou mesmo. Parou! Nunca beber mais. Por que andar de motor rabeta muito perigoso. Agora na canoa é bom.

Eu já andei muito por aí. Eu trabalhava com um americano. Fui pra Manaus, Belém, e pra terra do americano. Dois anos andando com o americano. Eu era solteiro, novinho mermo. Eu não tinha cuian (mulher), só trabalhando com o americano. Aí o americano levou Bernaldo pra conhecer terra dele. Passou dois anos com o americano, depois voltou pra cá.

Conheci o Estevão (outro americano). Depois andei muito com ele pra Porto Velho, Humaitá. Primeiro americano trabalhar com papai, aí depois eu ir trabalhar muito com o americano. Americano falava: sabe fazer casa? Pirahã sabe picar, sabe trabalhar, sabe tirar mel, copaíba, tirar sova também. Agora, problema foi FUNAI não deixar mais tirar.”

Bernaldo Pirahã

“Quando eu era criança — Bernaldo é meu tio. Aí, na época, entrava muitos comerciantes que comprava castanha, copaíba, sova tirava pau rosa, ainda num era área demarcada ainda, era uma área que esse pessoal tinha ainda, que era dos brancos. Aí, nessa época, usavam muito os pirahã como escravos para fazer serviço. Trabalhava pra eles na época. As coisas era difícil conseguir, era muito caro. E foi aonde veio o professor Marco — na época tinha inspetoria que defendia a causa dos pirahã. Depois veio o Marco, o Marco que veio trabalhar em cima da demarcação da área deles, da área pirahã. Ele se preocupou com a situação que tava se agravando, mas ainda não era suficiente da forma que a gente queria. Por que a gente queria uma





área maior, que pegasse da Transamazônica — que hoje é um problema lá — toda essa parte debaixo aqui, que é uma parte vaga onde o pessoal não indígena entra lá para tirar castanha. Aí, na época, tinha muito conflito entre os pirahã e os brancos, no tempo da castanha, na época do açai. Eu acho que hoje, através da convivência que eles tiveram, hoje eles sabem cobrar os seus direitos. Acho que nem tá sendo suficiente, mas pelo menos é um passo que foi dado e através de mim, que eu saí daqui com oito anos de idade. E quando saí, e o Bernaldo sabe, mais eu não sei antes desprezando a comunidade, a aldeia onde eu nasci. Foi pela uma necessidade, defendendo os direitos. E estou diretamente com eles, moro na aldeia e luto e vou lutar mais pela causa deles. Por que geralmente existe uma organização que funciona só entre a gente. Então precisa de alguém que conhece a política de governo, que defende nossa causa dele, dos pirahã, lá fora. Por que eles não são daquelas pessoas de buscar lá fora. Tem coisa que a gente tem que levar até eles. Então, é isso. Eu acho que precisa melhorar muito em relação à administração, porque a gente vê que não há preocupação das pessoas competentes, que é responsável pela situação dos pirahã. Eu acho que tem que cobrar, valorizar mais e preservar mais a área da gente, sabe. A gente tem que melhorar muito isso aí, pra que isso não venha prejudi-



car lá na frente. Mas vai precisar, nossos filhos vão precisar da terra pra morar, da terra para viver, das matas, das águas. Então a gente tem que começar a preservar desde hoje, desde agora. Tem que ser uma administração que se preocupe com a área do povo, preservando a área da cultura indígena, e isso aí muitas vezes é esquecido. As pessoas da FUNAI e FUNASA não se preocupa com a situação, mas eu me preocupo muito em relação a isso, porque hoje nós temos aqui, mas daqui para frente quem vai usufruir do que nós vamos deixar são as crianças e futuras gerações, e alguma coisa pra eles devemos deixar.” José Augusto Pirahã Jiahui

A História do Povo Pirahã pelos Pirahã

“Muito tempo, muito tempo, não morava aqui. Morava lá na aldeia Manelão. Quando pequeno, primeiro morar no Pereira, eu e meu irmão. Aí quando já grande, eu e meu irmão morava perto da Ponte (BR230) Transamazônica, e lá tinha cachaça do “cariú” (branco). Aí falou pro irmão não ir na ponte, porque lá tem cachaça. Aí irmão foi e lá branco deu cachaça. Morreu meu irmão...” Capixaba, Cacique Pirahã

“Antes não existia contato aqui no Alto Maici. Aí, depois, eles não moravam aqui nessa aldeia. Eles moravam lá na aldeia Manelão. Aí, depois, veio pro Piquiá. Ficaram aqui seguindo na ponte e teve uma pessoa — o Poroca, o não indígena — que levou eles pra trabalhar lá na ponte. E era onde davam bebida na construção da Transamazônica e onde faleceu muito parente, irmão deles. E hoje ele, o cacique, fala que tem o pessoal da FUNASA que cuida da saúde deles e tem a FUNAI, que também cuida deles em relação à bebida. Então, é isso que ele tava falando que é importante. O papel de vocês para trabalhar junto com a comunidade Pirahã.” José Augusto Pirahã Jiahui

A presença da FUNAI e do CIMI

“O CIMI sempre teve aqui, sempre vinha. Nunca mais veio, porque a FUNAI empatou. No dia que veio ficou muito. CIMI ficou com medo da FUNAI, né?! Aí parou, aí cortaram tudo. Ficou com medo, num quer falar mais, num quer falar mais com Pirahã. E FUNAI não quer falar mais com CIMI. Aí num deixa ficar aí. Não carecia comprar farinha, esperava CIMI trazer, puxar roça, aí não carecia pedir farinha pra parente. Agora FUNAI manda Pirahã botar roçado. Aí o CIMI num veio mais porque a FUNAI empatou há dois anos, dois anos. Agora vai ficar aí, se eles vai ou se voltam. CIMI é mais bom que FUNAI. É mais bom: trazer panela, trazer machado, trouxe papeira, malhadeira, trouxe açúcar, café. Se vem, trazer. Agora num sei se

61°53'20"W

61°50'0"W

Aldeias da Terra Indígena Pirahã

Hun

6°27'40"S



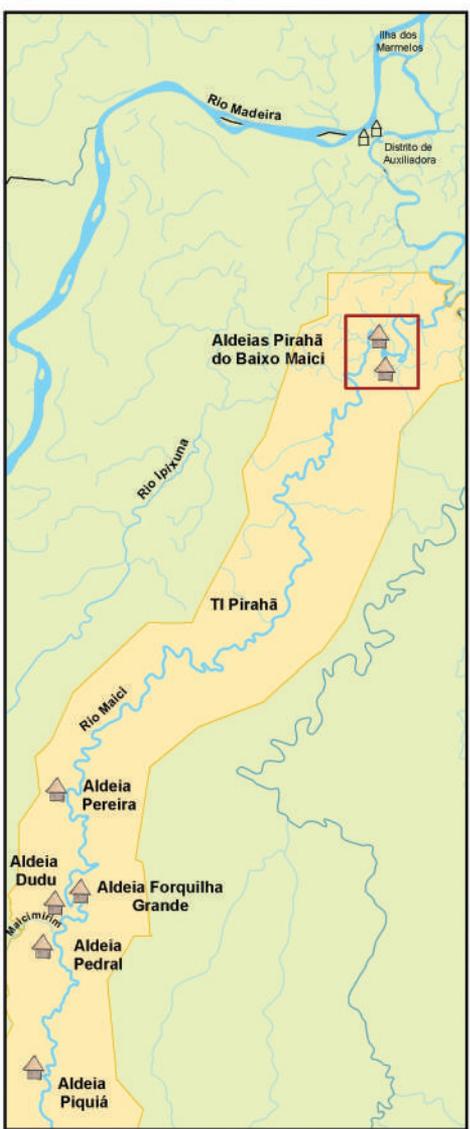
6°31'20"S

6°35'0"S

61°53'20"W

61°50'0"W

TI Pirahã



Ig. da Cachoeira

Ig. do Aracú

Ig. do Miriti

Aldeia Kwatá

Aldeia Flechal

Aldeia Tuchau

Aldeia Santa Cruz

Aldeias Pirahã do Baixo Maici

Lago do Passabem

Aldeia Passabem

Rio

61°46'40"W

61°43'20"W

Pirahã Maici Humaitá - AM



6°27'40"S

6°31'20"S

6°35'0"S

Legenda

- | | | | |
|--|----------------------------------|--|-----------------------|
| | Aldeias | | FUNASA |
| | Habitação indígena | | FUNAI |
| | Casa do Cacique | | Posto de Saúde |
| | Casa de Farinha | | Área de conflito |
| | Casa de Mantimento | | Regatão |
| | Espaço de festas | | Canoa |
| | Roça | | Lagos |
| | Tumanzal | | Peixes |
| | Açaí | | Entrada de pescadores |
| | Castanheira | | Tracajá |
| | Sova | | Cobra |
| | Floresta | | Macaco |
| | Distrito de Auxiliadora | | Anta |
| | Planta medicinal Aagi | | Hidrografia |
| | Casa do linguista Daniel Everret | | Terra Indígena |
| | | | Limite Municipal |



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Mapa situacional - Setembro, 2011

Equipe de pesquisa
Jordeanes do Nascimento Araújo (PNCSA/UFAM-IEAA)

Equipe de levantamentos em GPS
José Augusto Pirahã (APIHAM)
Alessandra Diarroy
Gustavo Munduruku
TIAPACBI Pirahã (Bernaldo)

Cartografia
Luís Augusto Pereira Lima (PNCAA-UEA/PNCSA)
Carolina Pinto da Silva (PNCSA)

Fontes
Croquis das Comunidades participantes da oficina de mapas, Pontos de GPS coletados pela equipe de levantamentos, IBGE 2010 e 2007

Sistema de Coordenadas Geográficas
SIRGAS 2000
Escala 1:80.000

61°46'40"W

61°43'20"W

CIMI vai ficar, eu nunca mais fui informado. CIMI falou que o branco queria tomar a terra do Pirahã. O CIMI brigava com o branco. Eu lembro que o Marco falou que ia trazer o papel da terra. Todo dia o branco entrava aí. Tirava sova, castanha, açai, madeira. Aí Marco falou: vamos tirar o branco daqui. Aí Pirahã chamou a FUNAI Brasil. Aí FUNAI falou pro Bernardo e eu: “Se tu garantir ajudar...”. Aí fomos ouvidos em Manaus. Aí FUNAI falou pra mim: “Se tu garantir fazer o trabalho...”. Aí veio a polícia. Chegou e eles diz assim: “Não tem acampamento de branco”. Aí, pronto! Só Pirahã mesmo na terra.

A FUNASA vem. Agora FUNASA num tem motor. Pra ir ligeiro à FUNASA de Humaitá, isso é ruim. Tá faltando aqui um rádio. Um rádio! Eu queria pedir pra mandar a FUNAI trazer um rádio. Quando tiver problema, aí chamar FUNASA, FUNAI... Eu tinha rádio. O cara de Manaus me ensinou falar: “Maicí tá chamando Manicoré”. Aí vem mesmo ajudar. Quando tá doente aqui não tem motor rabeta. Aí não tem nada de remédio, num tem gasolina, pra levar em Manicoré. Aí não tem barco, não tem nada, motor rabeta. Fazer reunião de novo, porque tá muito ruim assim.” **Mariano Pirahã**

Conflitos atuais na terra indígena Pirahã

“Aqui, na parte de baixo, da Boca do Maici até Auxiliadora, tem essa área aqui. Tem o rio Marmelo, aí tem o pessoal, madeireiros e atravessadores, que passam aqui. Também tem coleta de castanha, madeira. Do outro lado não é uma terra marcada. É uma área desconhecida. Ainda tá em estudo. Como acontece, então?! Eles entram pelo Marmelo. E essa beirada do Marmelo pelo outro lado é terra indígena. Eles tiram castanha, açai, tucumã, madeira, tiram tudo mesmo. E por aqui não existe fiscalização da FUNAI (Natal Pirahã).

A gente tava conversando com o seu Sandoval, a questão dessa parte aqui que ficou esses dois 2km da BR 230, a Transamazônica. O pirahã sai daqui até aqui, tem contato, as coisas que é jogado na água, garrafa pet, vidro, lata. Aí, quando chove, quando enche de água, isso tudo chega na aldeia do Pirahã. Isso é muito ruim pro povo Pirahã. O peixe morre e o lixo fica todo na terra Pirahã (Marckise Jiahui Pirahã). A gente espera uma ação do pessoal do meio ambiente, da FUNAI, conversar e que isso não venha prejudicar a comunidade e não afetar a pessoa que mora. Uma ação de educação ambiental com essas pessoas que passam na Transamazônica. Por que tem um restaurante aí do lado. Aí as pessoas param aí pra comer. Se toda pessoa parar aí e jogar uma latinha, quando a água sobe e enche ali aquelas coisas tudinho, todo esse lixo, lata, plástico, sacola vai parar nas praias, nas aldeias Pirahã. Isso é muito ruim. Mexe com a natureza e pode fazer muito mal para o povo Pirahã. Então, né?!, a gente quer que a FUNAI tome alguma providência, ou mesmo que a secretária dos povos indígenas faça alguma coisa pra que as pessoas não índias tenham consciência disso que tá acontecendo.” **José Augusto Jiahui Pirahã**



Área desmatada



Processo de entrevistas



“A gente espera uma ação do pessoal do meio ambiente, da FUNAI, conversar e que isso não venha prejudicar a comunidade e não afetar a pessoa que mora. Uma ação de educação ambiental com essas pessoas que passam na Transamazônica. Por que tem um restaurante aí do lado. Aí as pessoas param aí pra comer. Se toda pessoa parar aí e jogar uma latinha, quando a água sobe e enche ali aquelas coisas tudinho, todo esse lixo, lata, plástico, sacola vai parar nas praias, nas aldeias Pirahã. Isso é muito ruim. Mexe com a natureza e pode fazer muito mal para o povo Pirahã. Então, né?!, a gente quer que a FUNAI tome alguma providência, ou mesmo que a secretária dos povos indígenas faça alguma coisa pra que as pessoas não índias tenham consciência disso que tá acontecendo.”
José Augusto Jiahui Pirahã



A importância da Cartografia para o povo Pirahã

“Eu acho que fazendo esse trabalho em relação à área, fazer todo esse levantamento da necessidade que existe hoje, né?! É claro que isso aí vai ser feito pra eles, eles colocando a dificuldade, verificando aonde eles tão modificando onde são colhidos os alimentos do dia-dia e, através disso, aí no dia-dia é que vai ser divulgado muitas vezes. As pessoas não têm conhecimento da realidade, da vivência do pirahã hoje na aldeia, que é uma coisa muito diferente. As pessoas não percebe, não conhece a situação, né?! A gente sabe que os pirahã é um povo de uma cultura muito forte, uma cultura diferente. Então, eu acho que vai melhorar a partir do momento que construir e identificar todas as localidades onde estão situados e identificar a situação da vivência, que hoje tem que existir uma preocupação em relação às pessoas que defende a causa indígena. A gente precisa muito disso aqui, de ter um mapa social da terra indígena. O que eu queria é que esse mapa viesse de um ponto, de um ponto de vista de tudo. Por que é a posse efetiva da terra indígena, pelo indígena. É o mínimo que eles têm sobre a terra e o recurso que eles têm sobre a terra e a floresta. Porque a gente tá na terra, mas não sabe qual é o tamanho do recurso que nós temos.”
José Augusto Jiahui Pirahã



Reivindicações do povo Pirahã

1. Organização da venda de castanha, açai, abacaba, sova, óleo de copaíba, Andiroba, mel de abelha, roças, entre outros;
2. Construção de um Posto de Saúde na entrada do Rio Maici;
3. Maior presença da secretária de Saúde Indígena na terra Indígena Pirahã;
4. Abertura de diálogo sobre nova demarcação na terra indígena Pirahã;
5. Saneamento nas aldeias e reciclagem do lixo trazido pela FUNAI e FUNASA;
6. Organização da escoação dos produtos sustentáveis do povo Pirahã;
7. Viabilização de um barco para transporte de produtos sustentáveis do povo Pirahã até Humaitá;
8. Incentivo ao replantio de áreas desmatadas e sem uso pelos Pirahã;
9. Estruturação da educação indígena com material didático bilíngue, valorizando a cultura Pirahã;
10. Incentivo de manejo e criação de animal e peixe comestível como prática sustentável;
11. Incentivo às festas tradicionais para unir os dois grupos Pirahã e fortalecer as alianças matrimoniais;
12. Construção de projetos sustentáveis pela Associação do povo Pirahã com as instituições públicas e não governamentais;
13. Compra de um barco fluvial (voadeira) para a APIHAM realizar o monitoramento na área indígena Pirahã.

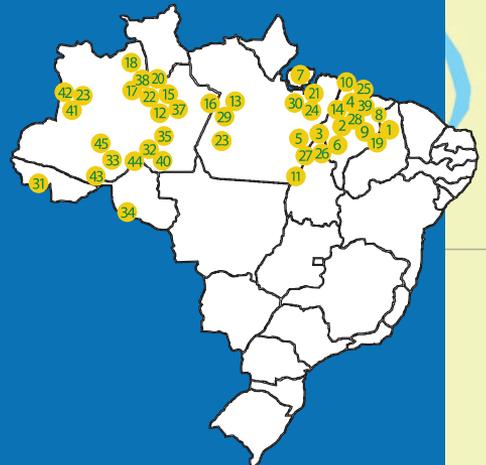
CONTATOS

Associação Pirahã
Rua Rio Madeira s/n
69800-971 Humaitá AM
telefone 97.9187-7158
associacaopiraha@gmail.com

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

SÉRIE: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí
- 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim
- 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins
- 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense
- 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará
- 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz
- 7 Quilombolas da ilha de Marajó
- 8 Quilombolas do Maranhão
- 9 Quilombolas de Codó, Peritoró e Lima Campos
- 10 Quilombolas atingidos pela Base Espacial de Alcântara
- 11 Quilombolas de Bujaru e Concórdia
- 12 Mulheres do arumã do Baixo Rio Negro
- 13 Grupo TucumArte – Artesanato de Tucumã
- 14 Quebradeiras de coco do Quilombo de Enseada da Mata – Bairro Novo
- 15 Quilombolas do Tambor, Parque Nacional do Jaú – Novo Airão, AM
- 16 Ribeirinhos da região do Zé Açu, AM
- 17 Piaçabeiros do Rio Aracá – Barcelos, AM
- 18 Mulheres artesãs – Indígenas e Ribeirinhas de Barcelos, AM
- 19 Quilombolas de Coelho Neto, Maranhão
- 20 Ribeirinhas da Várzea do Parauá e Costa do Canabuoca – Manacapuru, AM
- 21 Movimento das peconheiras e peconheiros da ilha de Itacoázinho, Igarapé Caixão e Igarapé Genipaúba – Baixo Acará, Pará
- 22 Ribeirinhos e agricultores do Lago do Cururu – Manacapuru, AM
- 23 Movimentos ribeirinhos e indígenas em defesa dos lagos e da vida do setor 01 Caité – Tonantins, AM
- 24 Povos do Aproaga – São Domingos do Capim, Pará
- 25 Luta dos quilombolas pelo título definitivo – Alcântara, MA
- 26 Trabalhadores agroextrativistas da reserva extrativista de Ciríaco, TO
- 27 A luta das quebradeiras de coco babaçu contra o carvão do coco inteiro – Bico do Papagaio, TO
- 28 Mulheres quebradeiras na defesa do babaçu contras as carvoarias – Médio Mearim, MA
- 29 Uso de recursos naturais em comunidades quilombolas de Santarém, PA
- 30 Ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba e sua diversidade cultural – Pará
- 31 Kuntanawa do Alto Rio Tejo – Alto Juruá, AC
- 32 Ribeirinhos, extrativistas e agricultores da Associação das Comunidades do Lago do Antonio – Humaitá, AM
- 33 Comunidades extrativistas da Resex Ituxi – Lábrea, AM
- 34 Quilombolas de Santa Fé – Costa Marques, RO
- 35 Comunidades Tradicionais de Democracia, Jatuarana, Pandegal, Santa Eva e Terra Preta do Ramal 464 – Manicoré, AM
- 36 Quilombolas, agricultores(as), quebradeiras de coco, pescadores do território de Formoso – Penalva, MA
- 37 Pescadores(as), agricultores (as) do Lago do Puraquequara e Jatuarana – Manaus
- 38 Associação Indígena Karapãna – Assika, Rio Cuieiras e Baixo Rio Negro, Manaus
- 39 Quilombolas de Monte Alegre – Médio Mearim, MA
- 40 Associação Indígena do Povo Pirahã do Amazonas
- 41 Movimento Kokama em São Paulo de Olivença, AM
- 42 Organização Kaixana Santo Antonio do Iça, AM
- 43 Povos Indígenas do Município de Lábrea, Amazonas
- 44 Povos Indígenas de Canutama, AM
- 45 Terras Indígenas de Tapauá, AM



REALIZAÇÃO



APOIO



ISBN 978-85-7883-239-1



9 788578 832391